

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS - UNEAL  
CAMPUS III  
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA EM LETRAS -  
PORTUGUÊS E SUAS LITERATURAS

EDJANIA MARIA DE LIMA

**“- QUEM MANDOU ELA ARRUMAR BARRIGA?” DISCURSO,  
GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E ABANDONO ESCOLAR  
falas de mães indígenas do povo wassu cocal**

PALMEIRA DOS ÍNDIOS

2025

EDJANIA MARIA DE LIMA

**“- QUEM MANDOU ELA ARRUMAR BARRIGA?” DISCURSO,  
GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E ABANDONO ESCOLAR  
falas de mães indígenas do povo wassu cocal**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial à obtenção do grau de  
Licenciado em Letras – Português e suas  
literaturas, do Campus III da Universidade  
Estadual de Alagoas.

Orientador: Prof. Dr. Lavoisier Almeida dos Santos

PALMEIRA DOS ÍNDIOS

2025

EDJANIA MARIA DE LIMA

**“- QUEM MANDOU ELA ARRUMAR BARRIGA?” DISCURSO,  
GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E ABANDONO ESCOLAR  
falas de mães indígenas do povo wassu cocal**

Artigo apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras e suas literaturas, através do curso de Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas – CLIND, da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL.

**BANCA EXAMINADORA**

**Aprovado em: 06/04/2025**

Documento assinado digitalmente  
 **LAVOISIER ALMEIDA DOS SANTOS**  
Data: 01/05/2025 10:57:13-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Lavoisier Almeida dos Santos (Orientador/Presidente da Banca)**

Documento assinado digitalmente  
 **DAVID CHRISTIAN DE OLIVEIRA PEREIRA**  
Data: 05/05/2025 11:29:08-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. David Christian de Oliveira Pereira (1º avaliador)**

Documento assinado digitalmente  
 **MARIA BETANIA DA ROCHA DE OLIVEIRA**  
Data: 05/05/2025 21:03:44-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Profa. Dra. Maria Betânia da Rocha Oliveira (2ª Avaliadora)**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus pela sua infinita misericórdia, acolhimento e proteção ao longo de toda a minha vida. A minha mãe, Maria de Lourdes de Lima e meu pai João Sebastião de Lima que infelizmente faleceu no meu primeiro ano de curso, muito obrigado a vocês dois pelos ensinamentos e apoio nos momentos difíceis e pelo amor que me faz ser forte e persistente em busca da minha felicidade e por acreditar na minha capacidade sempre.

Ao meu irmão Evandro José de Lima e sua esposa Marilene Bezerra Leal de Lima, por todo incentivo e contribuição para o engrandecimento dos meus conhecimentos acadêmicos. Aos colegas de curso e de trabalho, pela amizade e cumplicidade, a meu esposo Marcos José da Silva, por me apoiar em todos os momentos.

Ao Prof. Dr. Lavoisier Almeida dos Santos, por ter aceitado me orientar neste artigo sempre se dispondo a compartilhar seus conhecimentos, que sem ele não teria sido possível realizar esse trabalho.

A todos os/as professores/as do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), que sem eles não teria sido possível a conclusão deste curso, a vocês minha gratidão, por não terem desistido diante dos muitos obstáculos encontrados durante o curso, por terem acreditado e confiado em nosso potencial. Meu muito obrigado a todos.

Por fim, ao meu povo Wassu Cocal, o meu mais profundo carinho, pelo acolhimento ao longo de toda a minha vida, com quem tenho aprendido a partilhar e compartilhar conhecimentos. Meu muito obrigado a todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

## RESUMO

LIMA, Edjania Maria de. “- **Quem mandou ela arrumar barriga?**” **discurso, gravidez na adolescência e abandono escolar:** falas de mães indígenas do povo Wassu Cocal. 2025. Número total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura Intercultural Indígena em Letras: Português e suas Literaturas – Universidade Estadual de Alagoas: Palmeira dos Índios, 2025.

A gravidez na adolescência entre mães indígenas da etnia Wassu Cocal é um fenômeno social complexo que envolve discursos que refletem tensões culturais e sociais. As falas dessas mulheres expressam os desafios enfrentados devido ao abandono escolar e dificuldades materiais e simbólicas para manutenção diária da vida. Essas mães frequentemente relatam a falta de acesso a informações sobre saúde reprodutiva e educação sexual, o que contribui para a perpetuação do ciclo de gravidez precoce e limitações educacionais. Além disso, seus relatos revelam a existência de estigmas sociais associados ligados à maternidade precoce que acabam por reproduzir esse processo. Nesse sentido, percebe-se a importância e a necessidade de criação de políticas públicas que considerem as realidades sociais, culturais e econômicas das meninas que vivenciam esse dilema. A análise dos discursos destaca como a linguagem se torna uma ferramenta para que essas mulheres reivindiquem seus direitos e compartilhem suas experiências em busca de melhores condições para suas vidas e para suas comunidades.

**Palavras-chave:** Gravidez na adolescência. Mães indígenas. Abandono escolar. Povo Wassu Cocal.

## ABSTRACT

LIMA, Edjania Maria de. “- **Who told her to get pregnant?**” **Discourse, Adolescent Pregnancy, and School Abandonment:** Voices of Indigenous Mothers from the Wassu Cocal People. 2025. Número total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura Intercultural Indígena em Letras: Português e suas Literaturas – Universidade Estadual de Alagoas: Palmeira dos Índios, 2025.

Adolescent pregnancy among indigenous mothers of the Wassu Cocal ethnicity is a complex social phenomenon that involves discourses reflecting cultural and social tensions. The voices of these women express the challenges they face due to school abandonment and material and symbolic difficulties in maintaining daily life. These mothers often report a lack of access to information about reproductive health and sexual education, which contributes to the perpetuation of the cycle of early pregnancy and educational limitations. Additionally, their accounts reveal the existence of social stigmas associated with early motherhood, which end up reproducing this process. In this sense, there is a noticeable importance and need for the creation of public policies that take into account the social, cultural, and economic realities of the girls who experience this dilemma. The analysis of the discourses highlights how language becomes a tool for these women to claim their rights and share their experiences in search of better conditions for their lives and their communities.

**Keywords:** Teenage pregnancy. Indigenous mothers. School dropout. Wassu Cocal people.

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                        |           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                                               | <b>07</b> |
| <b>2 DISCURSO E PRODUÇÃO SOCIAL DOS SENTIDOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DESTA PESQUISA.....</b>                      | <b>08</b> |
| <b>3 ADOLESCENTES GRÁVIDAS NA ALDEIA WASSU COCAL: MAPEANDO CASOS E IDENTIFICANDO DISCURSOS.....</b>                                    | <b>10</b> |
| 3.1 DELIMITANDO E SELECIONANDO OS CASOS DE GRAVIDEZ PRECOSSE NA ALDEIA WASSU COCAL: INÍCIO E DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO DE CAMPO..... | 11        |
| <b>4 LÍNGUA E A PRODUÇÃO SOCIAL DE SENTIDOS: ANALISANDO OS DISCURSOS POSTOS.....</b>                                                   | <b>15</b> |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                                                     | <b>16</b> |
| <b>6 REFERÊNCIAS.....</b>                                                                                                              | <b>18</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse pela temática abordada neste trabalho emergiu de inquietações pessoais geradas pela minha atuação na aldeia Wassu Cocal como Agente Indígena de Saúde (AIS). Ao acompanhar casos de meninas indígenas que enfrentaram gravidezes precoces e ouvir suas histórias, percebi a urgência de investigar a relação entre a gravidez na adolescência, o abandono escolar e as narrativas das mães adolescentes em nossa comunidade.

A gravidez na adolescência é um fenômeno social que acarreta consequências profundas nas vidas das jovens, impactando suas esferas afetivas, psicológicas, educacionais e profissionais. Como Agente Indígena de Saúde, testemunhei diversos casos em que adolescentes abandonaram a escola devido à gravidez precoce. É importante ressaltar que muitas dessas meninas não concluíram a educação formal básica e, em muitos casos, seus responsáveis também não possuem formação escolar adequada, frequentemente sendo analfabetos. Assim, tanto a gravidez precoce quanto o abandono escolar são frequentemente encarados como normais, influenciados por fatores relacionados à falta de escolarização e às vivências culturais dessas jovens.

Neste sentido, esta pesquisa busca explorar as questões relacionadas à gravidez precoce, seus riscos e impactos na vida social das adolescentes indígenas da etnia Wassu Cocal. Pretendemos problematizar as relações entre práticas linguísticas e a produção social dos sentidos nas falas que permeiam o cotidiano da comunidade.

Observa-se um aumento preocupante no número de meninas indígenas adolescentes que engravidam e abandonam a escola na aldeia Wassu Cocal. Esse fenômeno não se limita a essa comunidade localizada na zona da mata de Alagoas; é uma realidade que reverbera em todo o Brasil. De acordo com o Ministério de Direitos Humanos e Cidadania (2024), em 2020 foram registrados 380 mil partos por mães com menos de 19 anos.

Diante da magnitude dessa questão, esta pesquisa se reveste de grande importância ao investigar as interrelações entre língua/discurso, produção social de sentidos, gravidez precoce e abandono escolar no território indígena Wassu Cocal. O objetivo é proporcionar reflexões que ajudem nossa comunidade a compreender melhor essa problemática delicada que afeta nossas meninas. Compreender os



impactos da gravidez na adolescência e suas conexões com o abandono escolar é essencial para iniciarmos mudanças em nossas práticas sociais. Tal transformação deve começar no contexto escolar e se expandir para outros espaços da nossa comunidade.

## **2 DISCURSO E PRODUÇÃO SOCIAL DOS SENTIDOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DESTA PESQUISA**

Queremos iniciar nossa reflexão, apresentando ao leitor o nosso referencial teórico-metodológico e, a partir dele o que entendemos por discurso e por produção social dos sentidos. Dessa forma, já adiantamos que nossa pesquisa será amparada no referencial teórico-metodológico da análise do discurso (AD) pecheutiana. Para Pêcheux (2014), a prática linguística dos seres humanos deve ser entendida como uma prática social, como uma forma de agir sobre o mundo e no mundo.

É por meio desse entendimento da prática linguística como prática social, como uma forma de agir, que Michel Pêcheux vai formular seu conceito de discurso. Dessa forma, o discurso, entendido como uma prática social dos seres humanos, precisa ser analisado a partir de questões diversas como históricas, econômicas, culturais etc.

Sendo assim, conforme posto por Santos (2020, P. 82): “[...] há uma relação direta entre o discurso e as práticas sociais cuja teorização [...] foge da ideia de língua neutra, abstrata, sem relação com a realidade social que imperava na ciência linguística da época de Pêcheux”.

É nessa perspectiva que esta pesquisa pretende entender as falas das mães indígenas do povo Wassu Cocal. O nosso objetivo é analisar essas falas, entendidas como discurso – como uma prática social, a partir da realidade econômica, social e cultural na qual estão inseridas. Conforme posto por Magda Soares, as relações entre linguagem e cultura constituem uma questão fundamental para o entendimento do fracasso escolar, pois “A linguagem é, ao mesmo tempo, o principal produto da cultura e é o principal instrumento para sua transmissão” (Soares, 1980, p. 16).

É importante destacar que essa ideia da língua como instrumento de transmissão não remete à ideia de um processo de comunicação transparente no qual a língua é entendida como se sendo neutra/abstrata portadora de uma

mensagem abstrata – descolada do processo sócio-histórico de produção dos sujeitos e dos sentidos:

[...] não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação de construção da realidade etc. (Orlandi, 2007, p. 21).

É, a partir disso, que buscamos compreender os efeitos de sentido sobre a gravidez e o abandono escolar em meio ao processo social de sua produção. Sendo assim, entendemos que os sentidos não estão jogados ao acaso. Eles são construídos em um lugar social e/ou a partir desse lugar que, por sua vez, é demarcado historicamente pelas forças econômicas e políticas que organizam e disciplinam os modos de produção e reprodução da vida social de uma determinada época. Dessa forma, buscaremos problematizar o discurso em tela, discutindo suas condições de produção, pois, conforme posto por Amaral (2016, p. 33): “Tratar as condições de produção do discurso requer o conhecimento do processo das determinações sociais, políticas e econômicas”.

Essa ideia reforça nosso entendimento, a partir de Pêcheux (2014), do discurso como uma prática social que, como explicitado por Amaral (2016, p. 33), “[...] atua na realidade e provoca mudanças nas mesmas relações sociais que a originam”. Essa explicitação aponta para o dado que as “determinações sociais” existentes em volta do processo de produção dos discursos não podem ser interpretadas como um pré-determinismo, mas apenas como parte das condições materiais que possibilitam o processo de objetivação do discurso, ou seja, suas condições de produção, sejam elas amplas ou restritas.

Segundo Florêncio *et al.* (2009, p. 67), as condições de produção em sentido amplo “[...] expressa as relações de produção, com sua carga sócio-histórica-ideológica” e, em sentido restrito, “[...] as condições imediatas que engendram a sua formulação”. É o que conceitua também Orlandi (2007, p. 30):

Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico.

Para melhor entendermos o que essa categoria significa e qual a sua contribuição no processo de teórico-analítico por nós pretendidos nesta pesquisa, vamos observar o que seriam, de forma geral, essas condições de produção:

Para que compreendamos melhor essas relações do sujeito em sua participação na produção social, pela via dos sentidos no discurso, necessário se faz que tratemos das Condições de Produção desses discursos, como categoria essencial no entendimento de como os discursos se constituem, seus sentidos, sua atuação na realidade – como transformação e/ou estabilização dessa mesma realidade em que é produzido (Florêncio *et al.*, 2009, p. 66-67).

De fato, essa categoria da AD traz grandes contribuições para que possamos problematizar os discursos sobre gravidez e abandono escolar no contexto social, econômico, cultural da comunidade indígena Wassu Cocal e o seu funcionamento para estabilização ou mudança dessa preocupante realidade, considerando, então, que o processo social de produção dos sentidos acontece em lugar no qual se desenrolam a produção e reprodução da vida social da comunidade.

### **3 ADOLESCENTES GRÁVIDAS NA ALDEIA WASSU COCAL: MAPEANDO CASOS E IDENTIFICANDO DISCURSOS**

A etnia Wassu Cocal apresenta particularidades culturais que influenciam as vivências das adolescentes grávidas em sua comunidade. A análise dos discursos dessas jovens mães revela aspectos únicos de sua realidade, incluindo costumes familiares, visão de mundo, grau de escolarização, dentre outras coisas, que moldam sua experiência com a maternidade precoce. Compreender essas nuances culturais é essencial para abordar adequadamente os desafios enfrentados pelas adolescentes grávidas nessa aldeia, pois o exercício para essa compreensão nos coloca dentro das condições de produção do discurso.

Na aldeia Wassu Cocal, práticas tradicionais e valores culturais podem impactar significativamente a percepção sobre gravidez na adolescência. Nesse sentido, pensamos que, para melhor entender o lugar no qual os sentidos sobre a gravidez precoce e o abandono escolar são produzidos, seria proveitosa a realização de um estudo de caso:

O estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso

particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência [...]. O caso é tomado como unidade significativa do todo e, por isso, suficiente tanto para fundamentar um julgamento fidedigno quanto propor uma intervenção. É considerado também como um marco de referência de complexas condições socioculturais que envolvem uma situação e tanto retrata uma realidade quanto revela a multiplicidade de aspectos globais, presentes em uma dada situação (Chizzotti, 2005, p. 102).

Nesta pesquisa, vamos trabalhar com três casos, buscando analisar criticamente os processos de produção dos discursos sobre a gravidez na adolescência e o abandono escolar no contexto sociocultural e econômico do território indígena Wassu Cocal. Dessa forma, considerando, também a partir de Chizzotti (2005, p. 102-103, grifos do autor), que “O desenvolvimento do estudo de caso supõe três fases: a) *seleção e delimitação do caso*; [...] b) *o trabalho de campo*; c) *a redação e organização do relatório*”, seguiremos essas fases para o desenvolvimento da reflexão que segue.

### 3.1 DELIMITANDO E SELECIONANDO OS CASOS DE GRAVIDEZ PRECOSSE NA ALDEIA WASSU COCAL: INÍCIO E DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO DE CAMPO

A delimitação ou recorte do que vamos estudar está intimamente ligado com o os acontecimentos que motivaram a construção desta pesquisa: os casos constantes de meninas, em nossa comunidade, que depois de terem engravidado precocemente abandonavam a escola. Em 2023, tivemos seis adolescentes que engravidaram; em 2024 oito meninas vivenciando o mesmo processo e, agora no início de 2025, mais duas adolescentes foram identificadas por nós no primeiro trimestre de gestação: uma com quinze e outra com dezessete anos.

Na delimitação do caso, segundo Chizzotti (2005), é necessário selecionar os sujeitos da pesquisa e indicar os instrumentos que serão utilizados para o campo. Os sujeitos dessa pesquisa foram divididos e organizados em três grupos: 01. As oito adolescentes que engravidaram em 2024. Já destacamos aqui que cinco abandonaram a escola, restando apenas três que continuaram o processo de formação escolar; 02. As duas meninas de 2025; 3. Alunas da turma de EJA da Escola Estadual Indígena José Máximo. Com o primeiro grupo realizamos roda de conversa sobre o processo de gravidez, a educação escolar e os novos desafios da maternidade. Com o segundo grupo, não utilizamos nenhum instrumento específico

de pesquisa, mas fizemos alguns registros a partir de nossas visitas às mães das adolescentes, pois as meninas grávidas além de abandonarem a escola, deixaram também a comunidade, indo morar com seus companheiros. Com o terceiro grupo, procedemos com a aplicação de questionário.

Na roda de conversa realizada com o primeiro grupo, foi comum perceber nas falas das meninas que elas sentem falta de apoio emocional durante a gestação, refletindo em suas experiências maternas e educacionais. Sem uma rede sólida de suporte familiar ou comunitário durante esse período crítico, muitas jovens lutam com sentimentos de insegurança e ansiedade sobre seu futuro como mães e até mesmo vergonha do processo que estão vivendo.

As falas das mães indígenas revelam um desejo por mais informações sobre saúde reprodutiva. Muitas delas relatam ter aprendido sobre gravidez através de suas mães ou avós, sem acesso adequado à educação formal sobre o tema. Essa transmissão intergeracional de conhecimento muitas vezes carece das informações necessárias para garantir práticas seguras durante a gestação.

Muitas falaram também sobre a necessidade ou vontade de deixarem a escola. As responsabilidades familiares aparecem em seus diálogos como prioridade absoluta, “justificando”, assim, a interrupção de seus estudos, semelhante ao seu processo de gravidez, de forma prematura. Essa interrupção não só limita suas oportunidades futuras como também impacta negativamente o desenvolvimento educacional das crianças nascidas nessas circunstâncias, criando, muitas vezes, um ciclo viciante que vai se reproduzindo eternamente.

A falta de infraestrutura na escola e o despreparo humano e muitas vezes falta de condições de trabalho nas escolas existentes nas comunidades indígenas também contribuem para o abandono escolar entre adolescentes grávidas. Uma das meninas compartilhou na roda de conversa que um professor x estava desconfiando que ela estava grávida e foi comprar um teste de gravidez para a aluna fazer o procedimento durante a aula.

Não estamos julgando a intenção do professor que poderia até ser de ajudar a aluna em questão, mas essa ação revela um completo despreparo do docente para lidar com uma adolescente grávida, causando constrangimento para a aluna e colaborando com a criação de mais uma situação para se juntar às amplas condições que possibilitam o abandono escolar.

A partir das falas postas em movimento na roda de conversa, entendemos que outro fator a ser problematizado são as políticas públicas voltadas para a população indígena que muitas vezes não atendem às necessidades específicas dessas comunidades, dificultando o acesso à saúde adequada e à educação necessária para as jovens mães. É crucial desenvolver estratégias inclusivas que considerem as particularidades culturais dos grupos indígenas ao formular políticas voltadas ao bem-estar dessas populações.

As falas das mães Wassu Cocal também expressam um forte desejo por mudança em suas realidades cotidianas. Elas anseiam por programas que ofereçam suporte psicológico e educativo para ajudá-las a conciliar maternidade com educação continuada. Esse desejo por mudança indica uma consciência crescente entre essas mulheres sobre suas necessidades individuais dentro do contexto cultural mais amplo.

É importante destacar que algumas adolescentes optaram por continuar seus estudos mesmo após a gravidez, desafiando estigmas sociais existentes no Brasil. Essas jovens demonstram resiliência ao buscar melhores oportunidades educativas para si mesmas e seus filhos, quebrando ciclos tradicionais impostos pela sociedade ao seu redor.

As lideranças comunitárias e a escola precisam assumir uma postura que promoção do diálogo sobre sexualidade e saúde reprodutiva na aldeia Wassu Cocal. Elas podem facilitar o acesso à informação necessária aos jovens da comunidade através da realização de oficinas educativas ou palestras informativas voltadas ao público adolescente e familiar.

Outro grupo que precisa intervir no processo é a família. A troca intergeracional de conhecimentos pode ser uma estratégia eficaz para abordar questões relacionadas à maternidade precoce dentro da aldeia Wassu Cocal. As vozes das avós podem oferecer sabedoria acumulada ao longo do tempo enquanto as jovens devem trazer novas perspectivas sobre educação moderna e práticas saudáveis relacionadas à maternidade.

Em relação ao segundo grupo, quando fomos fazer as visitas às adolescentes para o diálogo do pré-natal, tivemos a notícia que as mesmas tinham abandonado não apenas a escola, mas também a aldeia. Destacamos aqui um dos registros que fizemos ao visitar a casa que morava uma das adolescentes que engravidaram em

2025. Segue a descrição de uma parte do diálogo, depois de recebermos a notícia que a jovem indígena tinha deixado a comunidade:

AIS: - Mulher, e a escola dela como é que vai ficar? [Mãe da adolescente]: - Osh! Quem mandou ela arrumar barriga? Pra lá eles dê um jeito. Se ela ficasse aqui com o menino seria pior (...) Deixe ela pra lá mesmo. Quem mandou ela arrumar barriga. E outra: nem salário maternidade ela tira porque é de menor.

Faremos algumas considerações analíticas sobre esse diálogo na seção que segue. Agora, iremos apresentar alguns ditos de mães indígenas estudantes da educação de Jovens e Adultos da aldeia Wassu Cocal que compõem justamente o terceiro grupo de nosso estudo de caso.

É comum ao se perguntar, em turmas dessa modalidade de ensino, sobre o motivo das alunas terem abandonado a escola quando mais jovens e retornarem posteriormente depois de adultas ou mesmo idosas se obter as seguintes respostas: por ter engravidado, por não ter com quem deixar os meus filhos, por ter que cuidar da casa etc. Nesse sentido, dialogar com as alunas da EJA e ao mesmo tempo com as adolescentes que abandonaram ou estão resistindo para não abandonar a escola é uma forma de dialogar com o presente e o passado para tentar lançar luzes para o futuro.

No questionário que aplicamos, em uma turma de EJA da Escola Estadual Indígena José Máximo, nossa primeira pergunta foi: “Por que você parou de estudar quando mais jovem?”. Seguiremos agora com a resposta de nossas alunas:

“Depois que virei mãe não tive disposição para estudar, porque é muito corrido estudar e cuidar de criança” (Aluna 1); “Por que eu trabalhava para criar meus filhos” (Aluna 2); “Eu parei de estudar por conta de casar cedo” (Aluna 3); “Porque engravidei, casei e não tive mais paciência” (Aluna 4); “Engravidei” (Aluna 5); “Para cuidar da família” (Aluna 6); “Porque casei muito nova e tive filhos aí dificultou o meu estudo” (Aluna 7); “Porque engravidei ficou mais difícil” (Aluna 8); “Porque meu pai não deixou, eu fui criada com ele desde 9 anos de idade quando ele separou da minha mãe” (Aluna 9); “Quando eu tinha 13 anos ele não deixou mais estudar. Foi muito difícil pra mim eu sempre gostei de estudar. Eu sinto muito até hoje” (Aluna 10).

É nítido como as justificativas apontadas pelas alunas sobre o abandono escolar, no geral, estão em volta de questões relacionada a filhos, casamento, obrigações domésticas. Em uma análise discursiva tal dado é muito significativo e vamos discorrer sobre ele na seção que segue.

#### **4 LÍNGUA E A PRODUÇÃO SOCIAL DE SENTIDOS: ANALISANDO OS DISCURSOS POSTOS**

Os discursos das alunas da EJA realizam uma paráfrase em torno das atividades ou das obrigações das mulheres na sociedade brasileira. Essa paráfrase nos leva então para as condições de produção que possibilitam esse discurso, pois tal movimento de paráfrase só pode ser entendido em uma sociedade machista que se ancora ideologicamente no patriarcado, atribuindo ao homem uma posição superior na organização familiar e à mulher a posição subalterna de cuidar dos filhos e da casa, sendo sempre a mulher que precisa para a vida pessoal para que a nova vida possa se desenvolver. É a mulher que surge como a protagonista de gravidez e como responsável por todo o resto que se desdobra.

Esse é o grande lugar social, histórico, cultural e ideológico no qual esses discursos são produzidos e produzem os seus efeitos de sentido. A fala da mãe de uma das meninas do segundo grupo aponta também nessa direção: “Deixe ela pra lá mesmo. Quem mandou ela arrumar barriga?”. Não estamos realizando julgamento moral, mas sim indicando a inscrição ideológica do discurso de uma mãe sobre uma filha em um processo de gravidez precoce. Foi a filha que arrumou a barriga e agora deve ficar para lá à revelia da própria sorte.

As condições sociais e econômicas não são favoráveis, as escolas não estão prontas para conversar sobre sexualidade, sobre o processo sexual de reprodução da vida humana para além dos aparelhos biológicos, levando a uma grande reprodução cíclica de meninas que engravidam cedo e interrompem, juntamente com tantas outras coisas, seu processo de educação escolar.

A produção social de sentidos também é evidenciada nas narrativas sobre o abandono escolar. As mães indígenas frequentemente relatam que a gravidez interrompeu seus estudos, mas não apenas por questões logísticas; há um componente emocional e psicológico que permeia essas histórias. O discurso revela não apenas a dor da perda de oportunidades acadêmicas, mas também o peso das expectativas familiares e comunitárias sobre o papel das mulheres.

Outro aspecto importante na análise dos discursos é a forma como as mães indígenas se posicionam frente aos estigmas associados à gravidez na adolescência. Muitas delas desafiam narrativas negativas ao compartilhar suas histórias de superação e resiliência. Ao fazer isso, elas não apenas reivindicam



espaço para suas vozes, mas também contribuem para uma reconfiguração do significado de ser mãe jovem dentro de suas comunidades. Essa resistência é fundamental para a construção de novas identidades que valorizem tanto a maternidade quanto a educação.

Além disso, o acesso à educação sexual e informações sobre saúde reprodutiva é um tema recorrente nos discursos dessas mulheres. Muitas expressam frustração pela falta de recursos disponíveis em suas comunidades e pela ausência de diálogos abertos sobre sexualidade nas escolas. Essa carência contribui para a perpetuação do ciclo de desinformação e gravidez precoce. Assim, o discurso se torna uma ferramenta para reivindicar direitos: ao falar sobre suas experiências, essas mães demandam mais atenção para questões que afetam diretamente suas vidas e as de suas filhas.

A análise de seus discursos também revela como as políticas públicas e intervenções sociais são percebidas pelas mães indígenas. Muitas vezes, elas relatam que programas voltados para adolescentes não consideram adequadamente suas realidades culturais e sociais. Isso resulta em iniciativas que falham em abordar os reais desafios enfrentados por essas jovens. Portanto, ao compartilhar seus relatos, as mães não apenas expõem suas necessidades, mas também oferecem insights valiosos para a formulação de políticas mais inclusivas e eficazes.

As falas das mães indígenas revelam uma rica tapeçaria de significados relacionados à gravidez na adolescência nas comunidades indígenas. As falas das mães Wassu Cocal são carregadas de emoções complexas — desde o orgulho pela maternidade até o anseio por oportunidades educacionais — refletindo uma realidade multifacetada que merece ser ouvida e compreendida em sua totalidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A gravidez na adolescência é um fenômeno social complexo que afeta milhões de jovens no Brasil, gerando preocupações tanto em âmbito individual quanto coletivo. Diversos estudos apontam que as taxas de gravidez precoce são alarmantes, especialmente entre adolescentes de comunidades vulneráveis, onde a falta de acesso a informações e serviços de saúde agrava a situação. Esse cenário revela a necessidade urgente de políticas públicas que abordem não apenas a prevenção da gravidez, mas também o apoio às jovens mães.

Segundo o Ministério da Saúde, a gravidez na adolescência está frequentemente associada a fatores socioeconômicos, como pobreza e falta de acesso à educação e serviços de saúde. Adolescentes que vivem em contextos de vulnerabilidade enfrentam barreiras significativas, incluindo a escassez de recursos financeiros e a dificuldade em acessar informações sobre contracepção. Esses fatores contribuem para um ciclo vicioso onde as jovens mães têm menos oportunidades de melhorar suas condições de vida.

Pesquisas mostram que a falta de informação sobre contracepção e sexualidade é uma das principais causas da gravidez indesejada entre adolescentes. Muitas jovens não têm acesso a educação sexual adequada nas escolas ou em casa, resultando em desinformação e equívocos sobre métodos contraceptivos. Essa lacuna educacional é alarmante, pois impede que as adolescentes façam escolhas informadas sobre sua saúde reprodutiva e suas vidas.

O impacto da gravidez na adolescência vai além da vida pessoal da jovem; reflete diretamente em suas oportunidades educacionais e profissionais. Muitas adolescentes abandonam a escola após a gravidez, perpetuando ciclos de pobreza e limitando suas perspectivas futuras. Esse abandono escolar não apenas afeta o desenvolvimento pessoal das jovens mães, mas também tem repercussões mais

O estigma associado à gravidez na adolescência pode levar ao isolamento social das jovens mães, dificultando ainda mais sua reintegração à comunidade e à escola. Muitas vezes, essas mulheres enfrentam julgamentos negativos por parte dos colegas e da sociedade em geral, o que pode resultar em baixa autoestima e problemas psicológicos. Esse isolamento pode ser um obstáculo significativo para o desenvolvimento pessoal e profissional das adolescentes.

Políticas públicas têm sido implementadas para abordar essa questão, mas ainda há muito a ser feito. Programas de educação sexual nas escolas e apoio psicológico são essenciais para prevenir a gravidez precoce. Iniciativas que promovem o diálogo aberto sobre sexualidade e saúde reprodutiva podem capacitar as jovens com conhecimento necessário para tomar decisões informadas sobre suas vidas.

A atuação das organizações não governamentais (ONGs) também tem sido crucial no enfrentamento desse problema social. Elas oferecem suporte às adolescentes grávidas por meio de programas educativos e campanhas de conscientização sobre contracepção. Essas iniciativas ajudam a preencher lacunas

deixadas pelo sistema educacional formal e fornecem recursos valiosos para as jovens mães.

O papel da família é fundamental nesse contexto. O diálogo aberto sobre sexualidade pode ajudar as jovens a tomarem decisões informadas e conscientes sobre suas vidas reprodutivas. Quando os pais ou responsáveis estão dispostos a discutir esses temas com sinceridade, isso pode criar um ambiente seguro onde as adolescentes se sintam confortáveis para buscar informações e apoio.

É importante destacar que a gravidez na adolescência não deve ser vista apenas como um problema individual, mas como uma questão social que requer uma abordagem coletiva e multidisciplinar. Todos os setores da sociedade devem se unir para desenvolver soluções eficazes que abordem as raízes do problema e ofereçam suporte adequado às jovens mães.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria Virgínia Borges. **Discurso e relações de trabalho**. Maceió: EDUFAL, 2016.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2005.

FLORÊNCIO, Ana Maria Gama et al. **Análise do Discurso**: fundamentos e práticas. Maceió: Edufal, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. Tradução: José Horta Nunes. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da Memória**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípio e procedimentos. 7ª- ed. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Maio de 68: Os Silêncios da Memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da Memória**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

SANTOS, Lavoisier Almeida de. O antigo discurso do Novo Ensino Médio na tela: memória e silenciamento. 2020. 181 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) –

Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura: Maceió, 2020.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola:** uma perspectiva social. Editora Ática: São Paulo, 1980. 7ed.